

O Desafio da Globalização:

A Perspectiva Indiana.

Yogesh Tyagi

Como citar: TYAGI, Yogesh. O Desafio da Globalização: A Perspectiva Indiana. *In:* POSSAS, Lúcia M. V.; SALA, José Blanes (org.). **Novos atores e relações internacionais**. Marília: Oficina Universitária, 2010. p.113-130. DOI: <https://doi.org/10.36311/2010.978-85-7983-065-5.p113-130>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O DESAFIO DA GLOBALIZAÇÃO: A PERSPECTIVA INDIANA

*Yogesh Tyagi*¹

I INTRODUÇÃO

Esta apresentação é composta de quatro partes: perspectiva teórica; papel do Estado na globalização; papel dos demais atores na globalização e conclusões. Trata-se basicamente da visão acadêmica do assunto, que pode não corresponder à posição oficial do Estado e demais atores indianos. Apesar de ser focada na Índia, a apresentação reafirma a crença de que o mundo em desenvolvimento unido tem mais poder do que cada um dos países que o constitui individualmente, por mais poderosos que estes possam ser. Essa crença demonstra nossa preferência pela resposta coletiva do mundo em desenvolvimento no desafio à globalização.

II PERSPECTIVA HISTÓRICA

Nossa noção de globalização depende: do seu entendimento; da identificação dos seus desafios; do planejamento das estratégias para superar esses desafios; do aproveitamento das oportunidades

¹ Professor de Direito Internacional e Diretor do Centro de Ensino e Pesquisa sobre Direitos Humanos da Faculdade de Estudos Internacionais da Universidade Jawaharlal Nehru Nova Délhi, Índia. email: yogeshtyagi@gmail.com

proporcionadas; do estabelecimento de seus objetivos; da revisão desses objetivos; do exame do papel de seus diversos atores; da revisão do processo de globalização; e do desenvolvimento de uma abordagem baseada em resultados. Todos esses aspectos devem ser debatidos.

1 FENÔMENO

A globalização não é um acontecimento, não é um desastre, não é uma inovação e definitivamente não é algo *in abstracto*. Então, o quê é? É um fenômeno contínuo com fronteiras em expansão, oportunidades ilimitadas e efeitos duradouros em diversas áreas, algumas conhecidas e muitas outras ainda por descobrir. Compreender a globalização é condição necessária para que se lide com ela de maneira eficaz. É impossível dominar o assunto, até porque ainda em desenvolvimento. Diferentes disciplinas, diferentes ideologias, diferentes povos provavelmente compreenderão de maneira diversa a globalização, portanto, ela não necessita definição (porque teria muitas), precisão (dado que limitadora) e estabilidade (em razão da mutabilidade de seus limites e conteúdos).

A globalização não é um fenômeno recente. Se considerada uma filosofia, a globalização se adequaria ao antigo conceito oriental do *vasudhev kutumbakam* (o mundo é uma família). Se fosse uma postura política, seria mais recente que o colonialismo. Se a eficiência técnica e a abordagem utilitária determinassem a relação funcional para o preenchimento contínuo das necessidades comuns dos povos, a *International Telecommunication Union* (ITU) e a *Universal Postal Union* (UPU), surgidas no século XIX teriam sido as precursoras daquilo que hoje se denomina globalização. Supondo que a globalização seja a mais elaborada organização de inclusão social, seria muito mais antiga do que a ONU. Caso uma moral mínima comum seja o motivo da globalização, seria possível verificar sua origem no espírito que motivou a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Tomada como um acordo comercial multilateral, teríamos que a globalização

é muito anterior à Organização Mundial do Comércio (OMC). Apesar da íntima relação entre ambas, a globalização não é fruto da OMC. Muito embora determinados países tenham exercido poder global num passado recente, a globalização não é obra sua. A globalização não é *made in* Europa, ainda que os europeus se auto intitulem pais da ordem pública global. A globalização é feita em todos os lugares, mesmo naqueles em que não se vêem quaisquer de seus traços.

Países, governos e administrações não são nem a base nem o reflexo da globalização, não são sequer seu principal objetivo; não são os verdadeiros beneficiários da globalização, nem são suas maiores vítimas. Em suma, países, governos e administrações não são o centro da globalização, pois ela é, na verdade, um fenômeno amplamente disseminado; uma guerra sangrenta contra as limitações descabidas. A globalização transmite a poderosa idéia de que mudanças radicais são possíveis sem grandes gestos.

A globalização visa à redefinição do sistema de Estado-nação penetrando no mais sagrado desse sistema, a soberania. Ela encurta distâncias, criando famílias virtuais e novas comunidades. A globalização, muitas vezes, traça fronteiras inúteis; ela reformula o sistema de valores das sociedades. Esse processo eleva o status dos recursos humanos em relação aos recursos materiais; seu objetivo é fortalecer os indivíduos de acordo com suas capacidades individuais. Ela nos faz todos sentirmos expostos. A globalização, para desespero de muitos amantes da liberdade, não opcional, não é uma questão de escolha, havendo pouca escapatória. Ao mesmo tempo a globalização oferece meios e maneiras de se complicar ainda mais uma vida já bastante complexa, o que pode sinalizar uma evolução. A enormidade, a velocidade e a incerteza conferem beleza à globalização.

Nenhum país, organização, ideologia, disciplina ou sistema jurídico pode reivindicar a patente da globalização, produto de uma ampla gama de relações formais e informais. Assim como o conceito de livre comércio, a noção de Direitos Humanos teve grande importância para o crescimento da globalização. Vê-se a globalização da AIDS ao comércio eletrônico, do turismo ao

terrorismo, do financiamento à lavagem de dinheiro e da adoção internacional à intervenção humanitária. Ela motiva aos engajados em negociações mundiais a reduzirem as barreiras comerciais e instiga aqueles que buscam consolo no suicídio após sofrerem nas lavouras.

A internet é hoje o Everest técnico da globalização. A universalização dos direitos humanos é o seu epítome moral. Comunidades virtuais são o produto social da globalização. O tráfico de drogas, o terrorismo internacional e o crime organizado são algumas das manifestações mais chocantes da globalização. A sociedade civil é o grupo mais fortalecido por causa da globalização. Ao invés do impacto direto sobre os meios de produção e de distribuição, a globalização é mais do que um fenômeno econômico. A natureza plurifacetada da globalização a torna um objeto de estudo excitante e instigante. Quanto mais se estuda, mais fascinado se fica. A globalização merece ser matéria de estudo obrigatória tanto dos legisladores minimamente preocupados quanto daqueles que os vigiam.

2 DESAFIOS

A globalização impõe a todos uma série de desafios, incluindo aqueles que a detestam. A primeira e maior tarefa é a identificação, compreensão e análise de seus maiores desafios, desafios esses que podem ser classificados em cinco categorias: administrativos, jurídicos, institucionais, morais e ideológicos. Vejamos então cada um deles.

Desafio administrativo

Exceto por uns poucos procedimentos consultivos de determinados setores como o comércio, não existem políticas regulamentando o fenômeno globalização. Quantas questões cotidianas exigem controle e quantas são decididas fora da assembleia de acionistas. A doutrina nacionalista, que ainda encontra respaldo no artigo 2º (7) da Carta das Nações Unidas, está virtualmente morta mesmo sem qualquer emenda à Carta.

Ainda que haja alguns fóruns de suporte à formulação de diretrizes para a globalização, permanece o desconforto do conflito causado pelos incansáveis corretores a favor de seus velozes efeitos. Como exemplo do que foi dito, tome-se a Rodada Doha da OMC.

Políticas globais exigem valores e consenso globais. O mundo contemporâneo raramente permite o consenso, do ponto de vista formal. Na ausência do necessário consenso, as elites procuram impor seus valores (interesses) como meio de escolha (por exemplo, declarações unilaterais, legislação doméstica e acertos *ad hoc*). Por outro lado os interesses dos despossuídos, ainda que caros à sociedade, são relegados a um segundo plano (por exemplo, o direito de libertar-se da miséria, o direito à participação paritária no processo de desenvolvimento e a reestruturação das instituições injustas). No caso de conflitos insuperáveis entre as elites e os despossuídos, estes sofrerão as conseqüências, prevalecerá a confusão e a globalização será alvo de ataques. Os defensores da globalização assumem o papel de neo-imperialistas e seus adversários insistem na desculpa habitual do *status quo*. Aqueles que buscam um meio termo lutam para se encontrar em meio ao labirinto da globalização.

O aspecto positivo da globalização é um novo grande contrato social que aposta pesado na economia e que tem profundas implicações sócio-políticas. A globalização permite, teoricamente, a participação de todos e, ao mesmo tempo, causa a exclusão de muitos em função de suas dimensões, velocidade e rumos. Aos poucos algumas regras tornam-se claras, outras evoluem e muitas não passam da imaginação.

Desafio jurídico

O mundo contemporâneo passou por muitas mudanças sem a necessária reflexão das estruturas jurídicas internacionais cuja tendência foi a de poucas e imperceptíveis alterações. Por exemplo, como mencionado, a doutrina da jurisdição doméstica foi modificada sem que se fizesse uma única alteração no texto da Carta das Nações Unidas. Obviamente os instrumentos legais

não foram capazes de manter o ritmo dos desenvolvimentos resultantes da globalização. A busca por um regime adequado para o uso da internet é um caso emblemático. A OMC procurou trazer a globalização e o comércio internacional para dentro dos domínios da lei, mas grande parte das transações internacionais ocorre fora do seu âmbito de atuação. Da mesma forma, a globalização de diversas normas de direito internacional relacionadas à culpabilidade e à responsabilidade civil dos atores internacionais foi adotada sem discussão prévia. Surge uma globalização legal sem, no entanto, haver um sistema jurídico global. A legislação aplicável mais evidente no momento é o Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional, que não reflete um contrato global. Os principais artífices do processo (empresas transnacionais) e muitos de seus mentores (grandes potências) esquivaram-se do domínio do Estatuto de Roma. Não houve mudanças em instrumentos legais como a Convenção de Viena sobre Tratados Internacionais, a Corte Internacional de Justiça, a Comissão de Direito Internacional e a Comissão das Nações Unidas para o Direito Comercial Internacional (UNCITRAL). Grande número de instrumentos internacionais, como tratados sobre direito especial, foram precariamente ratificados pelos líderes da globalização.

O surgimento de um grande número de acordos bilaterais, zonas de livre comércio e blocos regionais demonstram o espírito insidioso da globalização. A fragmentação do direito internacional é uma realidade na era da globalização, o que explica sua inclusão na pauta da Comissão de Direito Internacional (ILC). O exercício da globalização sem uma articulação jurídica adequada pode se tornar um perigo, pois encoraja o unilateralismo, implica menor prestação de contas e menor compromisso perante as obrigações internacionais. Também faz surgir discussões sobre sua legalidade, legitimidade e efetividade. Inspirar os artífices e os mentores da globalização a reduzir o déficit da ordem social é um grande desafio e seu sucesso depende, em grande parte, da capacidade, da boa vontade e do sucesso da comunidade global em vencer esse desafio.

Desafio institucional

O fenômeno da globalização não vem acompanhado de um acordo global sobre seus méritos e seus defeitos, o que indica dificuldades em sua institucionalização. Como dividir igualmente os frutos da globalização? Como garantir sua sustentabilidade? Qual é a imagem e a efetividade das instituições internacionais que não se adaptarem à globalização? Por exemplo, há quem possa vir a duvidar da credibilidade de instituições internacionais como o Conselho de Segurança da ONU caso não venham a se adaptar à globalização. Se por um lado o Conselho de Segurança busca vencer os obstáculos impostos pela globalização inserindo novos assuntos em sua pauta (como a AIDS, terrorismo internacional e lavagem de dinheiro, por exemplo) dado que tais assuntos são relevantes para a manutenção da paz e da segurança internacionais; por outro lado, o órgão ainda não reconhece outra face da globalização ligada ao surgimento de novos centros de poder (por exemplo, Brasil, Índia, Alemanha e Japão) que devem implicar a mudança da composição e da função do Conselho.

Salvo raras exceções, a maior parte das organizações internacionais padece de falta de credibilidade. O grande desafio para os artífices e para os mentores da globalização é reduzir esse déficit sem, no entanto, arriscar a posição dessas organizações. O longo e frustrante debate acerca da reestruturação do Conselho de Segurança dá a dimensão dessa dificuldade.

Desafio moral

Há muitas questões morais relativas à participação dos diversos atores no processo de globalização, seu custo e sua distribuição. Não há justificativas para o subdesenvolvimento da África quando a maioria dos países celebra a globalização. O avanço da AIDS no continente africano e do comércio eletrônico no resto do globo são incompatíveis como o espírito de humanidade. Qual é a legitimidade da globalização se esta pouco se importa com valores humanos?

Toda sociedade elege seus valores. Soa imoral que alguns atores usando de sua influência imponham seus valores sobre os demais, como se com isso ditassem o futuro da humanidade. A globalização promove uma série de valores universais ao mesmo tempo em que milita em favor de determinadas práticas consideradas imorais. Ela auxiliou na campanha de reconhecimento dos direitos dos homossexuais; algumas regiões, como o Sri Lanka, chegaram a legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Mas, a globalização não tem ajudado na solução dos conflitos morais, de certa maneira até os incentiva. A ausência de mecanismos de resolução de conflitos confiáveis permite uma gama de métodos muitas vezes conflitantes.

Outras questões de ordem moral surgem do contexto de uso dos recursos. A globalização implica maior demanda, maior produção e maior consumo. Ela promove o consumismo desenfreado, o que significa uma pressão maior sobre os recursos naturais. Como consequência do uso acentuado dos recursos naturais há um aumento do risco ambiental. Há quem diga que o dano ambiental é intrínseco ao processo de globalização.² A globalização também é tida como inimiga dos direitos humanos quando verificamos o acúmulo de riquezas nas mãos de uma minoria ridícula e uma, miséria sem precedentes da vasta maioria.³ Seria moralmente correta essa acumulação de capital nas mãos de uns poucos privilegiados enquanto se ignora a massa de indivíduos deixados abaixo da linha da pobreza? A globalização hoje se cala diante de tal indagação, como se fosse indiferente a ela; se omite de fazer justiça o que tem gerado dúvidas quanto à sua legitimidade. Um dos maiores desafios dos pais da globalização é de lhe estabelecer uma base moral.

² Conclusão tirada da palestra de D.N. Rao “Degradação Ambiental e Direitos Humanos”, de 24 de agosto de 2007 por ocasião do Seminário “Globalização e Direitos Humanos: Desafios e Oportunidades”, organizado pelo Centro de Promoção do Ensino e Pesquisa dos Direitos Humanos (HURITER) da Faculdade de Estudos Internacionais da Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Déli, Índia.

³ Conclusão tirada da palestra de Satish K. Jain durante o Seminário “Globalização e Direitos Humanos: Desafios e Oportunidades”, *ibid.*

Desafio ideológico

Como fica uma sociedade, nação, país ou governo isento de ideologia? Uma entidade sem ideologia é como um navio sem rumo. Ao mesmo tempo, uma entidade presa aos seus dogmas é como um trem agarrado aos trilhos. A importância de uma ideologia sólida reside entre a clareza de objetivos e a flexibilidade dos meios. A ideologia direciona sem aprisionar.

Qual é a ideologia da globalização? Dado que o fenômeno surgiu no pós Guerra Fria, a rejeição ao socialismo parece integrar o processo. Os proponentes da globalização consideram o liberalismo sua ideologia, já seus críticos a consideram mais uma forma de imperialismo e para aqueles que testemunharam o debate dos termos e condições em 1970, seria uma forma de neo-colonialismo. Claro que ninguém pode se arvorar ser o dono da verdade. Em termos de alcance, a globalização visando a união dos indivíduos guarda bastantes semelhanças com o conceito de comunismo, contudo, suas estratégias e resultados a aproximam mais do capitalismo. Seu desafio ideológico está no equilíbrio entre o melhor do comunismo e o melhor do capitalismo. A participação coletiva ajudará na formulação de uma nova ideologia para a globalização.

3 OPORTUNIDADES

A globalização tem oferecido uma série de oportunidades nos mais variados setores. É importante identificar algumas delas a fim de que se possa aproveitá-las. As principais são:

- ◆ expansão do comércio internacional;
- ◆ satisfação mais adequada das necessidades de consumo;
- ◆ melhor utilização dos recursos;
- ◆ reforma do sistema de comércio internacional;
- ◆ avanço da proteção da propriedade intelectual;
- ◆ progresso no sistema de solução de disputas;
- ◆ redução das hostilidades políticas;

- ◆ surgimento de novos centros de poder;
- ◆ “deseuropeização”; e
- ◆ Nova Ordem Econômica Internacional (NIEO).

Para o aproveitamento dessas oportunidades é necessário que os atores estejam preparados, o que, por si só já é um desafio. Na década de 1970, os países em desenvolvimento lutaram freneticamente para atingirem a NIEO, que, a despeito do apoio da Assembléia Geral da ONU e de outros organismos internacionais, não saiu do papel. A globalização é uma Nova Ordem Econômica Internacional repleta de termos e condições que convenientemente brinda a sociedade civil e os países em desenvolvimento com uma nova oportunidade de atingirem uma nova ordem econômica universal e humana.

4 PAUTAS

A pauta da globalização não é única. É como uma rodada de negociações internacionais na qual cada participante traz uma proposta e estratégia de negociação próprias. Cada grupo de interesses tem uma pauta própria. A globalização da economia demonstra que o principal objetivo dos países ricos é ver que podem obter matéria-prima e recursos humanos a preços ínfimos e conquistar o maior número de mercados e de consumidores para a manutenção de seu domínio político. As regiões desenvolvidas e as transnacionais juntas não só foram capazes de obter muitos de seus objetivos como também puderam institucionalizar seus ganhos através da nova ordem mundial. As regras da OMC, sobretudo aquelas relacionadas à propriedade intelectual, são um bom exemplo de como a globalização tem sido utilizada para a ampliação dos direitos para fora de suas jurisdições. Por outro lado, os países em desenvolvimento são como uma família dividida, mas com objetivos comuns. Seu desejo por um maior acesso aos mercados ocidentais encontra forte resistência e pedidos de reciprocidade, conseqüentemente, a Rodada de Doha não tem obtido sucesso nem nas questões dos países em desenvolvimento. O bate boca é parte integrante da globalização econômica.

A globalização política se apresenta sob diversos matizes. Vários países em desenvolvimento aliaram-se a países desenvolvidos na sua busca por determinados objetivos políticos. A guerra contra o terrorismo demonstra por um lado a globalização e por outro lado a fragmentação. Ao mesmo tempo em que diversos países islâmicos como o Paquistão e o Afeganistão estão perto do centro de comando da guerra, suas populações permanecem distantes. Na discussão sobre a mudança da pauta da globalização política, alguns países em desenvolvimento manifestam-se enquanto a maioria permanece convenientemente calada. O Brasil, a Alemanha, o Japão e a Índia concordam sobre uma nova ordem política a ser obtida pela reestruturação do Conselho de Segurança da ONU. Contudo, esses mesmos países divergem quando se trata da globalização econômica, em outras palavras, não há consenso acerca da globalização.

Ninguém está satisfeito com a pauta da globalização. Os beneficiários do processo querem mais enquanto suas vítimas querem menos. O resultado é que a globalização é um fenômeno dinâmico de modo que aqueles que foram incapazes de se adaptar ontem podem fazê-lo hoje e os que não forem capazes hoje poderão fazê-lo amanhã. O processo oferece a perspectiva da mudança. Ao mesmo tempo a possibilidade de mudar depende do quão preparado se está para o desafio da globalização. Os países em desenvolvimento, salvo algumas exceções, não têm coordenação para tanto, por exemplo, exceto por algumas questões ambientais, a China e a Índia não têm praticamente nenhum interesse em adequar a globalização às suas realidades. Os países em desenvolvimento como o Brasil e a Índia com posições mais ou menos semelhantes em determinados assuntos (como por exemplo as negociações da OMC e o aumento do Conselho de Segurança da ONU) ainda não se mobilizaram suficiente apoio para a causa dos demais países na mesma situação, isso porque os dois já não são mais tão próximos quanto foram antes da globalização se tornar um fenômeno tão poderoso.

Já a sociedade civil adota uma abordagem escapista na qual os cidadãos buscam o máximo de espaço com o mínimo de

responsabilidade. É necessário modificar a pauta da globalização para equilibrar os direitos e as responsabilidades da sociedade civil.

5 OBJETIVOS

A globalização tem sido criticada por se dirigir aos ricos e negligenciar os despossuídos, deixando-os à mercê das forças do mercado. Ela não fomentou a alteração das leis injustas e das estruturas de governança global. A ausência de reformas no Sistema de Bretton Woods e no Conselho de Segurança são os melhores exemplos de como uma pequena parcela se perpetua no poder através do saque dos frutos de milhares de outros. Ninguém duvida da necessidade de reformulação dos objetivos da globalização, a despeito da maneira provocativa pela qual seus defensores a apresentam.

6 ATORES

Ao contrário do sistema tradicional no qual a entrada de novos atores depende de reconhecimento, no processo de globalização não há limites para a participação de quem quer que seja, todos, até mesmo os inimigos do sistema, podem participar na medida de suas capacidades individuais e, óbvio, de acordo com seus objetivos pessoais. Assim, Estados, organizações internacionais, empresas transnacionais e vários atores não estatais e, o que é mais importante, um grande número de indivíduos também participa do processo de globalização ao mesmo tempo em que muitos não participam ainda que seus interesses estejam em jogo. A maior parte dos excluídos ou não têm consciência das oportunidades ou são incapazes de explorá-las; lhes falta confiança, entusiasmo e incentivo. Por isso não temos uma globalização inclusiva, pelo contrário, temos um processo de que poucos participam, alguns apóiam e a vasta maioria é marginalizada. Este é o maior desafio da globalização. A legitimidade e a sobrevivência do processo depende de sua capacidade de trazer todos a bordo.

7 PROCEDIMENTO

Contribuíram para o crescimento da globalização o fim da Guerra Fria, a desinibição política, as inovações tecnológicas, a priorização do desenvolvimento econômico e a frustração com o modelo do Estado-nação. Enquanto os meios e modos tradicionais de cooperação internacional impulsionaram a globalização real, as inovações tecnológicas, como a internet, abrigaram a globalização digital. A evolução das normas liberais de direitos humanos, imigração maciça, os canais de informação, a facilidade de troca de recursos, o desejo geral por melhores padrões de vida e muitos outros fatores contribuíram para o processo. Inovação é a chave de todos esses processos, ela reflete na formulação de leis, na criação de novos mercados, na organização de novos meios de distribuição e na adoção de estratégias não convencionais de incentivo ao consumo.

8 ABORDAGEM BASEADA EM RESULTADOS

O impacto da globalização necessita uma maior preocupação por parte de todos, incluindo de seus beneficiários. Por exemplo, o crescimento do comércio internacional nos moldes atuais não está adequado à utilização dos recursos disponíveis; devendo haver um controle melhor. Dada a complexidade do conceito de “desenvolvimento”, é importante que o impacto da globalização seja bastante estudado, estudo esse que deve permitir o exame dos resultados da globalização num dado contexto por meio de perguntas: quem são os beneficiários da globalização? Seus benefícios serão estendidos à população de maneira igualitária? Quais serão os benefícios para as minorias, para as mulheres, para os pobres e para os necessitados? Esses benefícios promovem a solidariedade? Os participantes da globalização responderão por seus atos e omissões? Qual é o custo ambiental da globalização? A dignidade humana irá receber proteção adequada contra o processo de globalização? Na adoção de políticas favoráveis à globalização houve fortalecimento do estado de direito? A globalização estreitou os laços entre os países em desenvolvimento? Todas as sociedades

deveriam refinar esse questionário a fim de identificar os indicadores do impacto da globalização. Caso a aplicação periódica do questionário demonstrasse resultados satisfatórios seria o caso de se estabelecerem políticas favoráveis à globalização, caso contrário será necessária uma reavaliação e um reposicionamento periódicos.

A essência da perspectiva teórica delineada é auxiliar constantemente na compreensão da globalização de modo que os legisladores estejam sempre aptos a empregar esse processo para o aprimoramento da sociedade. O principal objetivo é a um processo de globalização inclusiva, sustentável e humana, o que só será possível quando esta se desvencilhar de uma abordagem baseada em direitos e passar a adotar uma abordagem focada no crescimento.

III PAPEL DO ESTADO

Muito embora os países não sejam os líderes da globalização, seu papel é fundamental; são indispensáveis. Qual é o papel da Índia na globalização? É possível abordar essa questão com base nas perspectivas teóricas mencionadas acima.

O Estado indiano é bastante complexo. Existem estados dentro do Estado.⁴ O Estado indiano com todas as suas complexidades tem uma noção desigual (senão escassa) das várias dimensões do fenômeno da globalização. Como tantos outros países em desenvolvimento, a Índia entrou a contragosto na Rodada do Uruguai da OMC e entrou mal preparada. O país desconhecia sua força e suas fraquezas, pois se soubesse teria se oposto à liberalização do comércio internacional de serviços. Até a OMC, a Índia sabia muito pouco sobre a globalização. A preocupação por adequar a legislação doméstica às regras da OMC e a criação de uma atmosfera pró-desenvolvimento foram os dois principais fatores que levaram a Índia a aderir à globalização. Essa adesão sofreu e sofre até hoje grande resistência.

⁴ O art. 12 da Constituição da Índia estabelece que o Estado compreende o governo e o parlamento federais bem como os governos, parlamentos e autoridades locais de todos os estados do território indiano. Disponível em: [http://lawmin.nic.in/legislative/Art1-242%20\(1-88\).doc](http://lawmin.nic.in/legislative/Art1-242%20(1-88).doc). Acesso em: 22 set. 2007.

O gabinete do Primeiro Ministro, o Ministério do Comércio, o Ministério das Indústrias e a Comissão de Planejamento da Índia estão cientes da globalização, que conta com considerável apoio estatal. Essa Índia ativa é constituída de um punhado de mentes férteis, pulmões de aço e apetite insaciável e, ao mesmo tempo, de muita resistência. Considerando todos os aspectos, prosperam as políticas favoráveis à globalização chapa branca na Índia, pelo menos na área econômica. Os detentores do poder facilitaram a criação, adoção e implementação de políticas favoráveis à globalização. Nesse sentido, o Estado demonstrou seu dinamismo ao superar diversos obstáculos rumo à globalização. Até dispositivos da Constituição da “República Democrática Secular Socialista Soberana” foram interpretados de maneira favorável às políticas de incentivo à globalização. O estado indiano não teve grandes dificuldades em adotar políticas de mercado, ainda que continue a ostentar suas credenciais “Socialistas” na Constituição. Até o governo marxista do estado de Bengala Ocidental é simpático à adoção de alguns dos benefícios da globalização econômica.

Contudo, essa não é a realidade em outras áreas. Há forte resistência contra a globalização, por exemplo, na esfera jurídica; os advogados indianos não só são contrários ao ingresso de colegas estrangeiros, como também demonstram pouco interesse em abrirem filiais em outros países. O Estado é incapaz de convencer as principais lideranças jurídicas a aceitar a globalização, ao invés de identificar suas oportunidades. Mais, enquanto alguns estados (como Andhra Pradesh, Gujarat, Haryana, Karnataka e Maharashtra) são capazes de aproveitar algumas oportunidades oferecidas pela globalização, os estados mais populosos (como Bihar, Madhya Pradesh, Uttar Pradesh e Bengala Ocidental) ainda não foram capazes de fazê-lo. Como resultado, o norte do país permanece bastante atrasado em relação sul no processo de globalização. O problema principal é que nem todos os legisladores (políticos democraticamente eleitos) compreendem os vários aspectos da globalização, logo, ainda há muito por desvendar. Enquanto grande parte da Índia urbana está envolvida com a globalização, a maior parte da Índia rural permanece omissa. Não existe uma política estatal capaz de preencher a lacuna cidade-campo, cujo resultado

foi a migração do campo. Vilas morrem ao mesmo tempo em que cidades superpopulosas pedem socorro. Não existem políticas concretas para vencer os desafios domésticos uma vez que sequer se compreendeu os desafios internacionais. A abordagem da globalização com base nos resultados padece da falta de normas. O pontualismo, a corrupção política e a tentativa e erro continuam sendo as principais características da resposta estatal à globalização. Assim, o Estado permanece na defesa das massas em relação ao impacto da globalização.

IV PAPEL DOS ATORES

Ao contrário do Estado, os atores indianos privados têm respondido melhor à globalização, muitos dos quais com papel ativo no processo. Muito embora a tecnologia esteja na linha de frente da globalização, o envolvimento de atores privados é algo ainda mais difundido. Sua participação se dá basicamente em três esferas: intelectual, econômica e política.

Diversos aspectos da globalização já foram objeto de questionamento na Índia e pelos indianos, três desses aspectos merecem destaque: sua origem, crítica e defesa.

A primeira dúvida que vem à mente do estudioso da globalização está relacionada à sua origem. Em seu estudo intitulado *A Hundred Horizons: The Indian Ocean in the Age of Global Empire* (Nova Déli, Permanent Black, 2006) Sugata Bose faz uma reconstrução minuciosa da história da globalização. A partir desse estudo é possível se estabelecer uma ligação entre a globalização e a colonização da África, Ásia e América Latina.

A Índia, por conta de sua triste experiência com o colonialismo, é cética quanto à globalização. Segundo B. S. Chimmi (2004), baseado em sua atuação jurídica internacional:

O crescimento das redes de instituições econômicas, sociais e políticas internacionais são o germe de um Estado global cuja tarefa é concretizar os interesses de uma classe capitalista transnacional emergente em detrimento das classes inferiores do primeiro e terceiro mundos. O desenvolvimento dessa nação global

pode ser, portanto, descrito como de cunho imperialista. A base dessa nação é uma rede de autoridades infra-nacionais e de espaços que, ao lado de organizações não governamentais, representam sua face descentralizada. Esse progresso enfraquece bastante a democracia tanto em nível internacional quanto em nível intranacional.

Claro que essa é uma visão muito radical que considera a globalização uma conspiração das elites contra os despossuídos. Por outro lado, Jagdish Bhagwati (2004) apóia a globalização em seu livro *In Defense of Globalization*, no qual enfatiza seus benefícios. Para Bhagwati a globalização promove a democracia direta e indiretamente tendo contribuído sobremaneira para o surgimento do multiculturalismo. O autor cita estudos e apresenta exemplos que ratificam seu ponto de vista.

Tais estudos demonstram uma vibração intelectual e uma miríade de visões que auxiliam no entendimento da globalização, entendimento esse que tem beneficiado bastante a indústria e a sociedade indianas. De posse de um bom conhecimento da globalização, a indústria indiana tem aproveitado todas as oportunidades domésticas e internacionais que se lhe apresentam. A indústria indiana ao invés de encarar a burocracia interna está bastante otimista, o que reflete nas decisões corporativas, incluindo os investimentos estrangeiros, contratos de joint venture, contratos de terceirização, dentre outros. A juventude indiana está ainda mais interessada em aproveitar as oportunidades apresentadas pela globalização.

Diz-se que a globalização impulsionou a felicidade dos indianos.⁵ De acordo com pesquisa publicada em 22 de setembro de 2007, a juventude indiana é a mais feliz do planeta. Esses jovens são os verdadeiros artífices da globalização na Índia.

A indústria indiana foi capaz de lidar com a burocracia estatal, concorrer com os termos e condições do mundo desenvolvido e conservar sua força diante das instabilidades políticas. Sua força advém

⁵http://timesofindia.indiatimes.com/India/Globalisation_has_boosted_Indias_happiness_quotient_Netizens/rssarticleshow/2392951.cms. Acesso em: 22 set. 2007.

da abundância de recursos humanos, da maior classe média do mundo, do poder da juventude, de uma bem sedimentada democracia, de meios de comunicação vibrantes e de muito espaço físico.

Na Índia os meios de comunicação, o Judiciário, a indústria, a elite política e as ONGs são favoráveis à globalização. Além dos beneficiários e dos fomentadores do processo, há a oposição de um grande número de indivíduos da sociedade civil, dos partidos comunistas e das comunidades religiosas indianas. Os efeitos negativos mais notórios da globalização são a apresentação de projetos de desenvolvimento pouco agradáveis e do uso dos meios de comunicação, do Judiciário e outros procedimentos na verificação do andamento da globalização. Os detratores da globalização, ainda que em grande número e com grande poder, não estão em posição de impedir o crescimento desse fenômeno.

V CONCLUSÃO

A globalização representa a melhor utilização dos recursos humanos e materiais e o fim das animosidades entre os super poderes a tornou possível. Inovações tecnológicas aceleraram seu processo, que é mantido pelos interesses mútuos de vários atores internacionais. A globalização tolera o unilateralismo, dá espaço para o regionalismo e incentiva o universalismo. A ideologia da globalização, que muito embora a marginalize dela não está imune, desafia as fórmulas clássicas. Ela apresenta inúmeras oportunidades e desafios e alguns países, especialmente a Índia, fizeram bom uso de algumas dessas oportunidades. O potencial da globalização é enorme e seus benefícios reais ainda estão por surgir. Infelizmente, a maioria dos países africanos, sobretudo aqueles em guerra civil, ficaram para trás na era da globalização. É função das lideranças dos países em desenvolvimento, especialmente Brasil e Índia, moldar suas políticas de maneira tal que a globalização inclua todos, tanto em nível nacional quanto em nível internacional. Se Brasil e Índia obtiverem sucesso, suas políticas internas melhorarão e, ao mesmo tempo, reforçarão suas credenciais externas, o que permitirá a ambos realizar seus papéis numa nova aldeia global.